

## **A interpretação e suas ressonâncias no corpo de uma adolescente<sup>1</sup>**

*Alejandro Reinoso<sup>2</sup>*

O corpo adolescente traz as marcas do novo inaugurado pela puberdade. Esse despertar que irrompe desorienta o próprio sujeito e o Outro social. Cada adolescente tem que se virar com esse real, gerando uma resposta singular. Frequentemente essas novas respostas incluem o excesso, onde os fenômenos do corpo giram em bando buscando um ponto de amarração.

O caso coloca em tensão o corpo que fala e a direção do tratamento, considerando as últimas pontuações de Miller em relação à adolescência<sup>3</sup> e à interpretação proferidas na Conferência preparatória para o Congresso do Rio, em 2016. Para isto, é descrito o primeiro momento da análise em um sujeito que se inscreve em um outro familiar, que a psicologia chamaria de maltrato psicológico.

### **A entrada**

M. é uma jovem de 14 anos, encaminhada por um psiquiatra devido a automutilações graves e ideias suicidas. O antecedente imediato é uma confissão surpreendente de sua relação amorosa com outra adolescente. Esse *acting out* foi dirigido à tia materna que havia cuidado dela desde seu nascimento e com quem tem dificuldades desde o início da puberdade. M. mora com a mãe, a tia e seus avós; seu pai nunca viveu com ela e eles têm um contato escasso.

O corpo de M. se move lentamente, ela é silenciosa, tem uma voz monótona com um tom irritadiço e olhar desafiante. É uma entrada com desconfiança e suspeita em relação à experiência analítica, "esse seria seu modo de

evocar o grande Outro, mas sob uma forma degradada e como muito malvado. Isso encaixa bastante com aquilo que é dito: a realidade imoral do Outro do complô<sup>4</sup>.

M.: "Não sei o que dizer"...

A: "O que você quiser".

M.: "... tenho problemas com minha tia".

A: "Que tipo de problemas?".

M.: "... não foi por isso que vim (franzindo o cenho)".

A: "Quais problemas com a tia? Você já disse isso!".

M.: (esboço de sorriso) "... é que brigamos".

A: "Como são essas brigas"?

M.: "... ela me diz coisas... (olha para o chão)".

A: "Que tipo de coisas?".

A violência verbal da tia, que sustenta economicamente a casa, se inicia com a puberdade de M. A feminilidade de M. é um ponto do insuportável para a tia ("você é gorda e feia"), e desde a revelação de sua relação amorosa com a amiga, as palavras desta se orientaram para outro registro: "puta". A mãe e os avós se situam em uma posição de testemunha das agressões.

Eu lhe pergunto se ela diz ou faz algo nestes momentos. "Somente tento evitá-la".

Pergunto-me sobre a posição do analista: que semblante convém com esta adolescente neste momento? Desde que lugar interpretar? Oriento-me na direção de uma intervenção dupla: ao Outro e ao outro, orientado pelo real do gozo.

"Ela disse isso? Você tem certeza? Mas como isso é possível?! Não pode ser! Isso não tem nome!", dirá o analista sucessivamente, se levantando, caminhando pelo consultório, levantando os braços e segurando sua cabeça. O analista põe o corpo. Uma interpretação-cena-ato que introduz o Outro e isola Um gozo.

O corpo imóvel e silencioso de M. deixa cair os ombros, suspira e esboça seu primeiro sorriso. Suas tripas teriam sido tocadas?

Peço que a mãe entre, pergunto-lhe a respeito dessa situação diante de M. e abro o tema da agressão. “Minha irmã é um pouco nervosa”, indica a mãe, referindo-se à tia de M. Assinalo a gravidade do assunto e deixo nas mãos da mãe fazer algo. Acrescento - olhando para M. - que quero conversar com sua tia na próxima sessão e a encarrego de convidá-la.

Nas sessões seguintes reaparecerá no discurso de M. a recordação da confissão para a tia de sua relação amorosa. “Para que você lhe disse isso?”, replicará o analista, apontando para o gozo envolvido. Sem palavras e um segundo sorriso precedem o primeiro corte de sessão.

### **Qual é o estatuto desta intervenção? Introduzir o Outro, apontar o gozo**

A incidência da interpretação analítica está fora do campo do sentido: “um dizer que aponta o corpo falante para produzir nele um acontecimento, *para chegar às tripas*”<sup>5</sup>, implica uma emergência de gozo. M. não fala, não reage, contemplando ela mesma a cena de gozo da tia, lançando-se na mesma cena com o *acting out* para recrudescer a agressão.

A primeira interpretação visa tocar algo da ordem da vergonha, reintroduzindo um laço com o Outro, aspecto que Lacan aborda em seu *Seminário 17*: “Podemos talvez dizer que a tarefa do psicanalista é a de fazer surgir a vergonha ali onde ela havia desaparecido: levar aos sem-vergonha aquela vergonha que marca de modo indelével a primeira e básica relação com o Outro”<sup>6</sup>.

Aponta também a fazer a conjunção entre a demanda - incipiente - de respeito de M. e o Outro. Nos adolescentes há “uma demanda incondicional de respeito [...]. Mas, ao mesmo tempo, está desarticulada do Outro”<sup>7</sup>. A interpretação faz encarnar o Outro para que a demanda emergente não fique vazia e sem destinatário. Não intervir neste ponto teria deixado o analista na posição de testemunha.

A intervenção também aponta secundariamente o gozo impune que envolve o outro familiar, não apenas o da tia matriarca. Há um efeito de regulação concreta que situava M. como objeto: em um primeiro momento, a mãe não mais deixará M. sozinha com a tia, mas frente ao fracasso dessa manobra, mudará de casa meses depois.

Desse modo, a interpretação localiza a emergência de gozo e aloja o acontecimento de corpo nesta posição sintomática de M. Olhar e não falar, emergência de gozo que se localiza preliminarmente, uma significação vazia, efeito de furo.

"E então, e agora?", dirá M. sorrindo. A transferência se instala.

### **A extração do objeto**

A interpretação que alojou a demanda de ajuda de "mais respeito" no Outro parental foi uma operação que permitiu um primeiro movimento de alienação na clínica em dois tempos, articulação significativa  $S_1-S_2$  que traz consigo uma perda<sup>8</sup>. O efeito de velamento sobre o corpo pacifica, a pulsão responde, é o segundo movimento, o de separação, que diminui os impulsos e reinscreve o corpo. Assim, o objeto voz coloca um problema em sua vertente passiva: o silêncio diante do outro - "sempre fico escutando", "tenho muito a dizer, mas não digo". Essa produção do acontecimento de corpo situa a relação com o gozo: "fazer sair a voz e não ficar apenas olhando" continuará sendo o dilema sintomático de M. até hoje.

Tradução: *Elisa Monteiro*

---

<sup>1</sup> Releitura ficcional de um caso clínico apresentado na Jornada Clínica do X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise. Rio de Janeiro, 2016.

<sup>2</sup> Membro da Scuola Lacaniana di Psicanalisi (SLP) e da AMP. AP em Santiago de Chile, sede NEL Santiago.

---

<sup>3</sup> MILLER, J.-A. (2016). "Em direção à adolescência". In: *Opção Lacaniana - Revista Internacional Brasileira de Psicanálise*, nº 72. São Paulo: Edições Eólia, pp. 20-29.

<sup>4</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 24.

<sup>5</sup> IDEM. *Ibidem*.

<sup>6</sup> DI CIACCIA, A. (2009). "Nota editoriale". In: *La Psicoanalisi*, nº 46, p. 7.

<sup>7</sup> IDEM. *Ibidem*.

<sup>8</sup> MILLER, J.-A. (2006). *Gli imbrogli del corpo*. Roma: Borla, p. 101.